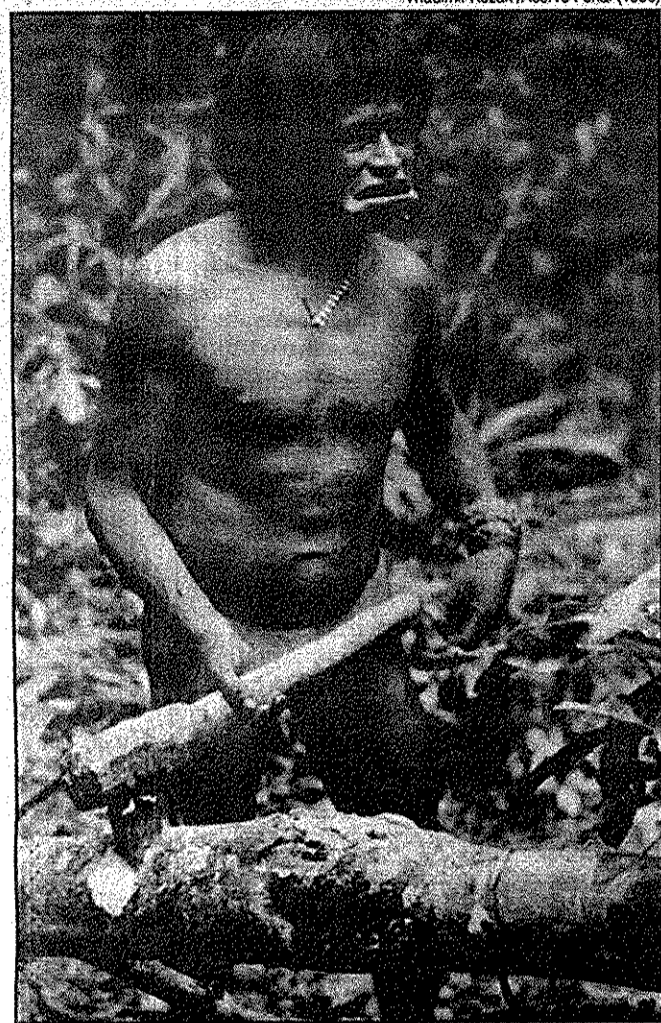


GRANDE SÃO PAULO

RECOMEÇO

Índios xetás ganham uma nova oportunidade

Remanescentes da tribo e descendentes querem voltar ao seu território de origem e reconstituir cultura extinta pela colonização



Wladimir Kozak/Acervo Funai (1956)

O xetá Haykumbay, fotografado por uma expedição do SPI (Serviço de Proteção ao Índio), antiga Funai, em 1956 no noroeste do Paraná; Ele é apontado como o pai da moradora de São Bernardo do Campo, a dona de casa Ana Maria Xetá

Wagner Oliveira de São Bernardo do Campo

A saga da tribo xetá começou a ser reconstituída com a tese de doutorado da antropóloga Carmem Lúcia da Silva, pela Universidade Federal de Santa Catarina. Em seus estudos, ela aponta que os xetás foram massacrados pela colonização cafeeira, apoiada pelo governo do Paraná. A maior parte dos índios foi morta a tiros em várias chácaras na década de 60 por jagunços contratados por fazendeiros. A partir desta semana, expedição coordenada pela pesquisadora tenta localizar a região onde moravam os xetás. Além de três representantes dos índios, geógrafos, arqueólogo, antropólogo e historiadores vão à procura do sítio arqueológico da tribo, próximo à cidade de Umuarama. Será o ponto de partida para demarcar uma reserva e reconstituir a etnia, com os oito índios puros que sobraram e seus 28 descendentes.

Segundo o coordenador de Assuntos Indígenas do governo do Paraná, Edivio Batistelli, é a primeira vez na história do Brasil que uma tribo será reconstituída com a participação ativa dos remanescentes. "Em mais de 40 anos de atuação na área, não conheço nada parecido", afirmou.



Da esquerda para a direita, 7 dos 8 sobreviventes: Ticoen, José Luciano, Tuca, Maria Tigú, Ana Maria Tigú, Aâm Xetá e Coen Xetá

"Na primeira parte dos trabalhos, seremos orientados pelos índios. Vamos ver o quanto a memória deles pode ser útil", afirmou a pesquisadora.

O trabalho de reagrupamento começou quando os oito últimos sobreviventes foram identificados pela pesquisadora. Eles foram reunidos em

1999 em Curitiba e se mostraram dispostos a recompor sua cultura.

Os trabalhos estão sendo feitos em conjunto pelo governo do Paraná e pela Funai (Fundação Nacional do Índio). Os recursos para uma eventual desapropriação de terras virão dos governos federal e estadual. Em uma série de entrevistas com os in-

dios, pesquisadores encontraram traços em comum. A violência do colonizador ainda é imagem viva para alguns. Quatro falam o idioma, semelhante ao guarani, e têm ligação espontânea com a religião xetá. A média de idade dos "puros" é de 48 anos. A continuidade da tribo depende de seus descendentes.

Tribo era de coletores e caçadores

Os xetás possuem um grande conhecimento da natureza, característica que lhes proporcionava um modo de vida totalmente diferente do das demais culturas indígenas americanas conhecidas. Encontravam-se no estágio cultural de caçadores-coletores.

Não praticavam a agricultura nem a arte oleira. Por outro lado, confeccionavam artefatos de osso ou de madeira. Dentre eles, o machado lítico, produzido por técnicas de lascamento e posteriormente polido, foi devidamente descrito e documentado pelos pesquisadores.

Por ser um povo seminômade, possuíam um equipamento doméstico simples. Equipamentos maiores, como pilões ou amofarizes, eram confeccionados a cada novo local de acampamento. Do trançado de fibras vegetais, produziam cestos para carga, esteiras para dormir ou peneiras para uso doméstico.

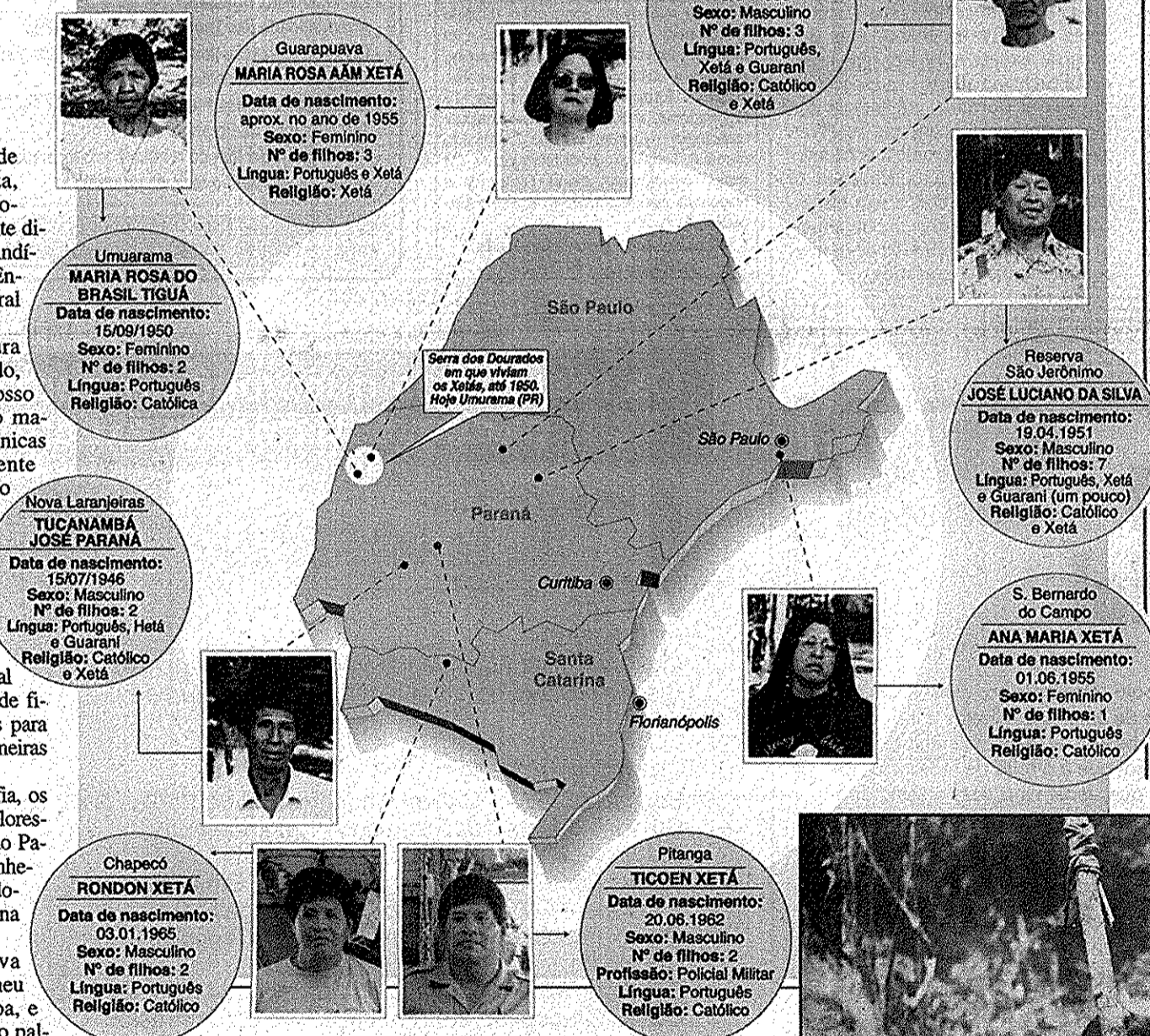
De acordo com a historiografia, os xetás habitavam parte da densa floresta pluvial tropical do noroeste do Paraná. Excelentes caçadores, conheciam todos os ambientes formados naquele ecossistema. A fauna era numerosa e diversificada.

"No lugar onde eu morava com o meu pai, minha mãe e meu irmão tinha uma água bem boa, e lá no alto bastante palmito, não palmeira, mas palmito. Tinha água bem pura; onça tinha: uma matou o meu primo, ela estava amarrada pelo pescoço porque os índios pegaram ela. Fui ver a onça, e ela me atacou, rasgando minha barriga; minha mão me puxou, o capitão xetá me curou com erva do mato, pôs remédio na minha barriga", relatou um dos sobreviventes da etnia, José Luciano da Silva, o Ticoen Xeta, que hoje tem 50 anos.

(W.O.) Carmem Lúcia da Silva

SAGA XETÁ

Dispersão dos 8 sobreviventes da nação indígena extinta na década de 1950 no noroeste do Paraná



Remanescente virou policial

Ticoen, um dos oito dos xetás sobreviventes, atualmente é policial militar na pequena e pacata cidade de Pitanga, região central do Paraná. Por ter deixado sua tribo muito criança, não tem quase nenhuma memória do passado. Mas é um dos mais ativos do grupo na luta pelo reagrupamento da etnia. "Estamos contando com o efor-

ço da Funai e do governo do Paraná para não deixar o nosso povo acabar", diz.

Pai de dois filhos, o PM já obteve do governo do Paraná licença para ajudar o grupo de estudos que tenta localizar e definir onde será o novo território xetá. Quando os descendentes estiverem juntos novamente, ele espera coordenar um posto policial que será instalado na futura reserva. "Os filhos, a gente manterá estudando na cidade. Mas eles terão todos os nossos valores culturais", disse.

O irmão do índio-policial, Rondon Xetá, é atendente de enfermagem em uma reserva caingangue na região de Chepecó (SC). Ele também tem se empenhado em reconstituir a nação e é um dos responsáveis pelo contato permanente com o restante dos remanescentes "puros". "É a nossa oportunidade de voltar a ser um povo unido, que, pela ação devastadora do homem branco, quase foi extinto", afirmou.

Rondon e Ticoen também são irmãos de Ana Maria, a Tigú, que atualmente mora em São Bernardo do Campo, no ABC Paulista. "O grupo que sobrou tem um parentesco. São provavelmente remanescentes de duas ou três famílias que integravam um dos clãs xetás, que, por sua atividade de coleta, viviam em sub-grupos na floresta", afirmou a antropóloga Carmem Lúcia da Silva, da Universidade Federal do Paraná, coordenadora do grupo de estudos.

(W.O.)

FRASES

"Morreu muito índio (xetá). Foi o charque da carne que matou. Se tivesse ficado lá teria morrido também"

Maria Rosa Aâm Moko, 46 - Sobrevivente xetá que deixou a aldeia quando tinha 5 anos

"Depois que nós saímos do mato, eu pensei que os índios tinham todos morrido"

José Luciano da Silva, 50 - Com o nome de "mato" Ticoen Xetá, deixou a aldeia aos 7 anos

"Nós temos que falar nossa língua, voltar para a Serra dos Dourados, caçar, pescar e criar porco"

Tucanambá José Paraná, 55 - Com nome de mato Iguacá, ainda fala idioma nativo

"Gostaria de morar perto de onde eu nasci. Quando olho aquele pouco de mata que sobrou, fico imaginando como era"

Maria Rosa do Brasil Tigú, 51 - Foi adotada quando tinha um ano

Wladimir Kozak/Acervo Funai (1956)

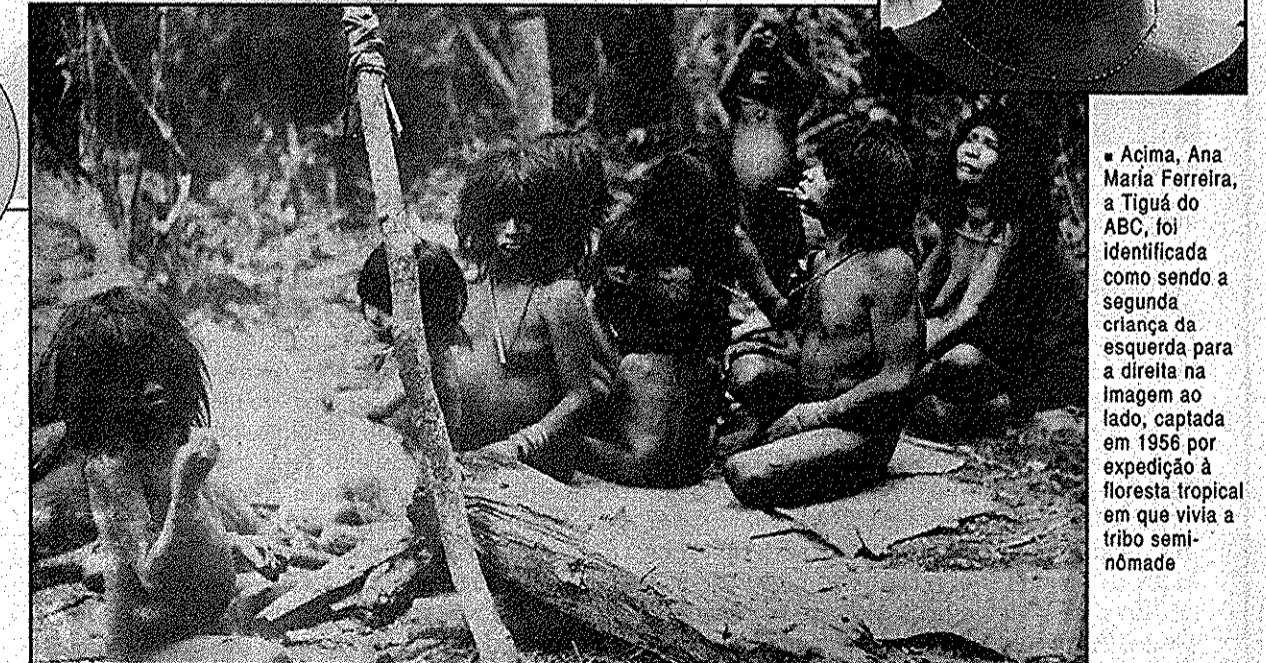
"Lá no mato, os indiozinhos eram curiosos. Perguntavam: 'como era o começo do mundo; como é que vai ser'"

Ticoen Xetá - Até hoje tem os lábios furados em que eram colocados adornos

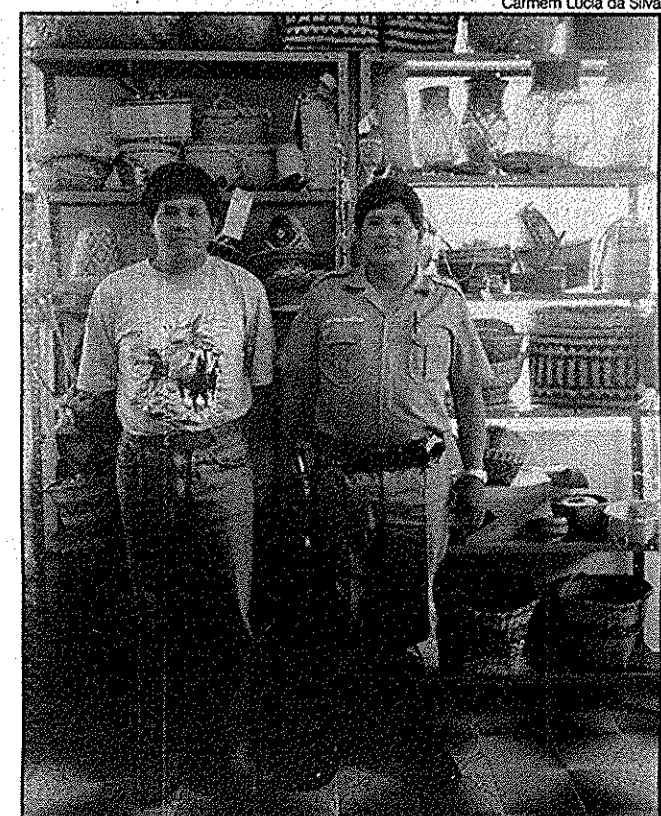
"Nós vivíamos correndo do branco, a gente tinha medo. O branco foi atacando, atacando e acabou nosso mato"

Ticoen Xetá, 39 - Depois de adotado, serviu o Exército e hoje é PM

Gilmar Dall' Stella



A cima, Ana Maria Ferreira, a Tigú do ABC, foi identificada como sendo a segunda criança da esquerda para a direita na imagem ao lado, captada em 1956 por expedição à floresta tropical em que vivia a tribo seminômade

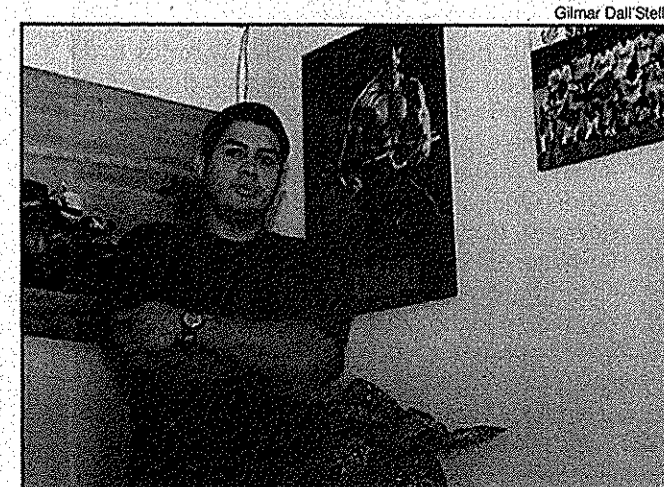


Rondo Xetá, o primeiro da esquerda para a direita, hoje exerce a atividade de enfermeiro em SC; seu irmão, Ticoen Xetá, virou policial militar depois de servir o Exército no Paraná

Filho acredita na adaptação em aldeia

Luis Carlos Ferreira, 21, é um adolescente que gosta das mesmas coisas dos jovens de sua geração. Adora futebol, não dispensa um vídeo game e gosta de automobilismo e cinema. Na parede da sala de

sua casa, há pôsteres de Ayrton Senna e Rambo, personagem de ator Sylvester Stallone. Mas ele disse que está se preparando para esquecer um pouco da vida urbana e se dedicar a uma vida "selvagem".



Luis Carlos Ferreira da Silva quer trabalhar na futura reserva em que os xetás deverão ser reagrupados; ele pretende se casar e levar a mulher, que como ela, leva uma vida urbana

Ferreira é um dos 28 descendentes dos oito remanescentes da tribo xetá, aniquilada em 1960 pela colonização cafeeira no noroeste do Paraná nas décadas de 50 e 60 do século passado. "Desde que minha foi informada que era uma sobrevivente e que havia um projeto para reagrupá-los, não sai da minha cabeça a possibilidade de a gente morar na aldeia", afirmou.

Ele disse que a criação de uma reserva melhoraria a situação financeira da família, que mora em uma pequena casa em um bairro cercado por chácaras em São Bernardo do Campo. "Eu faço bico de pintura de parede para sobreviver. O meu pai é caseiro de sítios vizinhos. Não passamos dificuldades, mas o fato de deixar de pagar aluguel aliviaria a nossa situação", afirmou. Ele quer se casar e levar a futura mulher para dar continuidade à etnia xetá.

(W.O.)